

## Prémios Internacionalização BES/Negócios

MESA REDONDA

# Internacionalização não terá êxito sem o capítulo do mercado interno

Os oradores convidados na cerimónia de entrega de prémios foi unânime em afirmar que é necessário reanimar o consumo interno. As empresas dependem, e muito, do vendem em Portugal



Bruno Simão



Ricardo Salgado, presidente do BES, identificou uma nova dinâmica empresarial em Portugal.



Paulo Fernandes, presidente do Cofina e da Altri, falou do falhanço da austeridade.

Ricardo Salgado, Paulo Fernandes e Pedro Reis | Os presidentes do BES, Cofina e AICEP marcaram presença na cerimónia de entrega dos prémios.

JOÃO CARLOS MALTA  
joaomalta@negocios.pt

Sem mercado interno não há projectos fortes capazes de vencer no mercado global. O discurso do painel convidado na entrega dos prémios Internacionalização BES/Negócios que decorreu no Hotel Ritz, em Lisboa, foi sempre bater neste ponto. Mas houve quem, mesmo num momento tão delicado em termos económicos, identifique uma nova tendência.

O presidente do BES, Ricardo Salgado, disse que as administrações regionais do banco estão a perceber uma renovada vaga empresarial. E até a delimita geograficamente: do Mondego para Norte. O banqueiro sublinhou que estão a nascer novos negócios, em novos sectores.

“Estamos constantemente no terreno, e o sentimento profundo que tenho é que há uma nova animação na economia em sectores

novos, inovadores, muito centrados de Coimbra para cima. Ainda não sentimos esse dinamismo no Centro-Sul, mas acredito que também pode acontecer”, afirmou Ricardo Salgado.

Ricardo Salgado identificou ainda outra tendência na economia interna, o crescimento da actividade agrícola na zona Oeste, que na sua opinião tem contribuído para o aumento do indicador de produção deste sector. O presidente do BES sublinhou também a importância da estabilidade, porque sem ela não haverá investimento. O banqueiro defendeu que os empresários devem ter um quadro fiscal mais favorável e duradouro.

“Não tem de ser uma redução significativa, tem é de se dar uma perspectiva futura”, explicou.

**Governo menos “terrorista”**

Já o presidente do grupo Altri e da Cofina (proprietária do Negócios), pensa que as exportações são im-

portantes mas “para haver retoma o Governo tem de se focar em estabilizar o mercado interno”. “Todas as empresas que exportam também dependem do mercado interno, e se 35% do PIB resultam das exportações, os outros 65% vêm do mercado interno”, acrescentou o empresário, ao mesmo tempo que defendeu que as políticas de austeridade não estão a ter o resultado que se pretendia.

Paulo Fernandes quer que doravante o Governo seja “menos terrorista em relação ao que tem feito sem prejuízo de ter de fazer o seu trabalho”. O empresário deseja que a política de austeridade não seja generalizada, “atacando segmentos pontuais, sem fazer uma política ‘across the board’, em que se atacam todas as famílias”.

**É ingénua e perigoso” pensar que as exportações são via única**

As exportações portuguesas valem 37,5% do PIB, segundo Pedro

**Há uma nova animação na economia em sectores novos, inovadores, muito centrados de Coimbra para cima.**

**RICARDO SALGADO**  
Presidente do BES

Reis, presidente da AICEP, que por isso mesmo referiu que dada a morfologia da estrutura empresarial nacional “é ingénua e até perigoso pensar que se levanta uma economia” apenas através deste vector.

“Se queremos catapultar as exportações, precisamos de criar condições para uma nova base exportadora, e para isso temos de tratar do investimento”, avançou Reis.

O director-geral da Autoeuropa, António Melo Pires, assinalou a necessidade em dar confiança à economia. “Os sinais de que a economia vai voltar, têm de ser mais fortes para as pessoas terem confiança e consumirem”, sublinhou o líder da unidade nacional da Volkswagen. Para Melo Pires, a reanimação do mercado interno deveria passar pela aposta na reabilitação urbana de Porto e Lisboa, que na óptica do gestor daria o “click” rápido de crescimento que a economia interna necessita.





## O QUE DIZ O JURÍ

Pelo terceiro ano consecutivo o painel de júri é o mesmo nos prémios de internacionalização do Negócios e do BES. Conheça as dicas dos especialistas direccionadas às empresas para iniciar e aprofundar um processo de expansão fora de Portugal

### 1 QUE IMPORTÂNCIA ATRIBUI A ESTE PRÉMIO?



**NOME** ANTÓNIO MELO PIRES  
**EMPRESA** AUTOEUROPA  
**CARGO** DIRECTOR-GERAL

1 A sociedade e a economia em Portugal precisam de novos padrões de referência. Como tal, no actual contexto económico e social, é extremamente importante reconhecer os exemplos de sucesso que a nossa economia produz nos campos da internacionalização e da exportação. São empresas que devem ser tomadas pelos restantes operadores económicos como exemplos a seguir. Por outro lado, tendo em conta o facto de que as exportações - aliadas ao reforço da procura interna - são a rota de saída da crise, importa estimular as empresas nesse sentido, e sem dúvida que estes prémios são uma excelente forma de o fazer.

2 Felizmente não. Isto significa que a qualidade das candidaturas era muito elevada.

3 A estrutura empresarial deverá ser preparada para a internacionalização, que por sua vez deverá ser muito bem ponderada e medida, sob risco de se tomarem medidas que ao invés de produzir frutos, sejam penalizadoras para as empresas.

Há um conjunto de condições que à partida deverão estar reunidas, como estabilidade financeira, um plano de desenvolvimento de negócio onde a exportação do produto ou do serviço faça realmente sentido, uma gestão assertiva e o conhecimento dos mercados para onde se irá exportar. No entanto, a internacionalização e exportação encerram diversas variáveis que fogem ao controlo das empresas, que podem ir da legislação até aos hábitos culturais. Por isso, as empresas devem estar preparadas para ultrapassar estes obstáculos, se necessário alinhando as estratégias iniciais - sem perder o rumo do que pretende - de forma a responder agilmente a estes desafios.

### 2 A ESCOLHA DOS VENCEDORES FOI FÁCIL?



**NOME** ALBERTO CASTRO  
**CARGO** PROFESSOR DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PORTO

1 Portugal tem problema de qualidade de gestão. Tal reflecte-se na organização e estratégia das empresas. Nesse contexto, todas as iniciativas que premeiem quem "da lei da morte" se liberte e possa ser um exemplo para as restantes empresas é, sempre, meritória. Mesmo que não possa, nem deva, ser feita uma transposição e aplicação mecânica dos casos de sucesso, há sempre muito a aprender. Num país com as dificuldades que Portugal atravessa, é essencial alargar a base de empresas capazes de enfrentar os desafios da globalização de uma forma racional e não apenas por recurso ou desespero, quase sempre mais de meio caminho andado para o desastre.

2 Se fosse fácil não seria preciso um júri: um algoritmo e um computador chegavam... Infelizmente, talvez a mais fácil tenha sido a atribuição do prémio revelação. Pelas más razões: não havia uma base de empresas candidatas alargada. Se isso apenas reflectir falta de empenhamento em concorrer, não será preocupante. Se, pelo contrário, for um espelho da falta de renovação do tecido empresarial, então o caso é mais sério.

3 Há, ao mesmo tempo, que desdramatizar o que é internacionalização e, ao mesmo tempo, levá-la muito a sério. Ao contrário do que às vezes se faz crer, internacionalizar não tem nada de aventura. Risco haverá, certamente, mas aventura convém que não. Quem vai ao mar avia-se em terra: ponderar o risco, estudar os novos países onde se vai operar e, eventualmente, os novos mercados que se vai servir, fazer um balanço das competências e recursos necessários e disponíveis são alguns dos pré-requisitos para que não se dê um passo maior do que a perna. Para além de tudo isso, é preciso paciência: ano após ano, estudo após estudo, confirma-se que, em média, são precisos pelo menos 5 anos para se começar a rentabilizar o investimento. Se não tiver "condições para ser paciente", pense duas vezes. E, sobretudo, não se internacionalize só porque os outros o fizeram e, muito especialmente, não se deixe enfeitar pelos cantos de sereia de governantes que de negócios pouco sabem.

### 3 QUE CONSELHOS DÁ ÀS EMPRESAS QUE SE QUEIRAM INTERNACIONALIZAR?



**NOME** MARIO VILALVA  
**CARGO** EMBAIXADOR DO BRASIL EM PORTUGAL

1 O prémio é o produto de um concurso que estimula e reconhece as empresas no esforço exportador. Trata-se de uma iniciativa louvável que deve ser mantida e, se possível, ampliada.

2 Aferir mérito nunca é fácil. Sempre fica a dúvida se o júri foi realmente correcto, se não deixou para trás outras empresas igualmente merecedoras do prémio. Entretanto, como trabalhamos com um número reduzido de prémios, temos de assumir os riscos da imperfeição.

3 Todas as empresas devem procurar a internacionalização. Vivemos em um mundo globalizado. Quem não tem pelo menos 30% do seu faturamento nos mercados externos está fora da globalização. "



# Criar raízes fora sem esquecer as “fundações” em Portugal

Empresários defendem a necessidade de ter o negócio consolidado em Portugal para abraçar novos desafios